



## MANOEL BOMFIM, UM DESCONHECIDO HISTORIADOR

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3616

Leonardo Francisco Borges, UEM

Reginaldo Benedito Dias, UEM

### Resumo

O presente artigo tem por foco a análise da obra *A América Latina: Males de Origem* (1905), para a compreensão do papel de Manoel Bomfim como um *historiador*, ou um pensador da história em seu contexto. Assim como seu papel de 'intelectual' no período. Para tanto faremos uso das análises de alguns de seus interpretes, como Ronaldo Conde Aguiar, e Antônio Candido. Buscaremos trabalhar em torno da temática da 'história intelectual' e 'história das ideias políticas'. Manoel Bomfim fora considerado um radical, um rebelde, um educador, e por último um "esquecido". Era Bomfim um homem com ideias e ideais dissonantes do que seria de grande comunhão a maioria dos intelectuais do período. E sua relação com o que podemos chamar de o 'pensamento histórico' e a historiografia brasileira não é diferente. Bomfim faz severas críticas ao modo como fora o processo de formação da historiografia brasileira. Bomfim faz uma análise de Brasil em que se vale da história como chave explicativa para os problemas sociais brasileiros da primeira república. Para Bomfim, as respostas para os problemas da nação estariam, a priori, na falta de informação das massas 'incultas'. E esse atraso por sua vez no processo de formação do Brasil como nação, na formação do caráter brasileiro, e nas formações dos 'caráteres' que deram forma ao Brasileiro.

### Palavras Chave:

Manoel Bomfim;  
História Intelectual;  
História do Brasil;  
História das ideias.

## Introdução

Manoel José Bomfim nasceu em Aracajú Sergipe, em, 8 de agosto de 1868, e veio a falecer em 21 de abril de 1932 no Rio de Janeiro. O filho de Paulino José do Bomfim e Maria Joaquina do Bomfim se formou em medicina em 1890, na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro. Porém não foi a medicina que tornou Manoel José Bomfim, no intelectual, que aqui vem a ser estudado, e sim seu interesse pelo Brasil, em particular pelos problemas da sociedade brasileira. Esse avultado interesse pela problemática brasileira levou o sergipano a se tornar um intelectual multifacetado; médico, psicólogo, pedagogo, sociólogo e historiador. Bomfim foi levado por seu interesse pela nação brasileira a campos longínquos do de sua formação de médico, propôs-se a escrever uma série de obras voltadas em sua maioria para responder uma só questão: porque o Brasil não estava dando certo? Manoel Bomfim publicou *A América Latina: Males de Origem* (1905), *O Brasil na América: Caracterização da formação brasileira* (1929), e *o Brasil nação: realidade da soberania brasileira* (1931), em coautoria com seu amigo Olavo Bilac publicou o livro didático *Através do Brasil* (1910).

Para esse estudo procuramos privilegiar a obra *A América Latina: Males de Origem* (1905). Esse foi o primeiro da série de livros com intuito explicativo da problemática brasileira, e é também nele que se encontra o que podemos chamar de “esboço” para tudo o que Bomfim viria a publicar posteriormente.

Enquanto uns exaltam Bomfim e o colocam em um “pedestal”, caso, por exemplo, de quem assume que o autor teria se antecipado a Lenin e feito já em 1905 uma crítica ao imperialismo, outros como Silvio Romero – contemporâneo do autor – o desdenham. Não se trata aqui da discussão da importância da obra de Manoel Bomfim, pois essa importância está cada vez mais clara, os

estudos de autores de “peso” como Flora Sussekind (1984), Antonio Candido (1990), Darcy Ribeiro (1984), e outros, nos trouxeram a certeza de que já em 1905, o autor era de fato, um pensador esclarecido quanto aos problemas nacionais, que possuía perspectivas originais, e se preocupava com o futuro tendenciosamente desanimador, que se anunciava no Brasil da virada do século XIX para o XX.

O médico sergipano na obra *A América Latina Males de Origem* (2008), apresenta os problemas da sociedade brasileira construindo um “diagnostico” ou um quadro conceitual, que se expande coerentemente em suas obras posteriores. Na referida obra, Bomfim promove um debate com intelectuais de sua época, e constrói sua análise crítica para o pensamento desses autores, por meio de seu quadro conceitual fundamentado na história. O intelectual sergipano busca na história as explicações para os problemas sociais brasileiros como, o atraso político e educacional do país, que para Bomfim, teria como causa o violento processo de exploração colonial, realizado pelas nações colonizadoras – Portugal e Espanha – contra as nações latinas americanas, e contra seu povo. Bomfim ressalta como ápice dessa violência no Brasil a imposição do modo de produção escravista.

Para Rebeca Gontijo (2003), o autor além de um “pensador da história”, seria alguém que se contrapôs à historiografia produzida sobre o Brasil. A história nacional para Bomfim era uma narrativa assentada sobre interpretações equivocadas no sentido de não apreenderem as causas do atraso, e dos conflitos da realidade brasileira. Os historiadores para o autor não foram diferentes de mercenários que se venderam aos interesses das classes dominantes e moldaram o passado sob os interesses da elite erigida desde os tempos coloniais:

[...] Considerando Manoel Bomfim

como um “pensador da história”, um crítico da historiografia e dos historiadores de sua época (e também do período monárquico), supõe-se que sua produção possui elementos que podem contribuir para a compreensão do ofício do historiador na 1ª República, pois seus textos apresentam alguns exemplos das críticas às quais os historiadores eram submetidos, das demandas que os pressionavam e dos problemas que deviam enfrentar. (GONTIJO, 2003, p. 2.)

Sussekind e Ventura (1984) acrescentam ainda que a interpretação de Bomfim; “[...] se constrói, sobretudo como crítica às interpretações dominantes. Como crítica a uma história falsificada, segundo interesses de dominação.” (SUSSEKIND, 1984, p.64).

O que será proposto aqui é uma análise da interpretação de Bomfim sobre a sociedade brasileira; fundamentada no pensamento histórico. Buscaremos compreender a importância da história na obra do autor e para o autor. Segundo Gontijo não adiantaria buscarmos uma proposta teórica ou método na obra de Bomfim por isso não é o que faremos aqui:

Manoel Bomfim não se apresenta com uma teoria da história ou um projeto historiográfico organizado em torno de proposições metodológicas sistematizadas. Seu texto apresenta considerações e posicionamentos sobre problemas de ordem epistemológica e política, formulados segundo pressupostos científicos norteados por noções extraídas da biologia, da psicologia, da sociologia e da história (GONTIJO, 2003, p. 2)

O presente artigo tem por objetivo, a compreensão e discussão do “sentido” e importância que possui a história na obra, e no pensamento de Manoel Bomfim. Também é importante para esse estudo verificar as bases norteadoras nas obras do autor. Para esse

trabalho será abordada a obra *A América Latina Males de Origem* (2008). É válido reiterar que a obra foi publicada pela primeira vez em 1905.

## Resultados

Em *Por que ler os clássicos* (2007) Ítalo Calvino propõe que seria necessário ler sempre os originais dos clássicos e ressalta: “A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário”. (CALVINO, 2007, p.12). Essa “consideração” de Calvino define o porquê de optarmos pelos originais de Bomfim para a formulação da nossa reflexão. Após a leitura de Bomfim, fomos tomados por outra interpelação: Por que esse autor não é um clássico? Partindo do pressuposto de que um clássico tem entre os elementos “formadores” à aceitação de seu tempo; o que ocorreu no contexto do sergipano Manoel Bomfim para que ele caísse no “ostracismo”?

Vale aqui nos indagarmos sobre o que significa essa palavra, e por que a usam para definir Bomfim. Define-se ostracismo no *Dicionário Houaiss* (2011), “Atitude de indiferença ou desprezo que os membros de um grupo assumem para com indivíduos refratários a padrões de comportamentos estabelecidos.” (DICIONARIO, 2011, p. 1453). Seria assim a ação de excluir alguém, geralmente, de um ofício, cargo, grupo ou local; afastamento ou expulsão. O ostracismo era usado na Grécia antiga como forma de um Julgamento ou condenação por crimes políticos que, era realizado pela Assembleia do povo, e baniu por dez anos qualquer cidadão suspeito entre os Atenenses. (DICIONARIO, 2011).

Os estudos sobre Bomfim, tem nomes como: “Um ilustre

desconhecido<sup>1</sup>”, “O Rebelde esquecido<sup>2</sup>”, e outros. As discussões desses ensaios giram em torno do sentido do esquecimento de um intelectual que focava o cerne de sua análise contra a pseudociência, que era comumente aceita no meio intelectual do início do século XX. Esses autores geralmente fazem alusão ao “esquecimento forçado” de uma voz que fora calada por seu próprio tempo.

Alguns de seus intérpretes arriscaram formular hipóteses sobre os motivos do esquecimento de Bomfim, dentre eles é possível citar Aguiar (2000) Sussekind (1984) e outros. Aguiar mostra que não foi apenas uma circunstância em particular que contribuiu para o ‘esquecimento do sergipano, mas várias. Ronaldo Conde Aguiar propõe, por exemplo, que Bomfim não compactuava com as tradições que fariam parte do meio intelectual Brasileiro.

Bem verdade que a recusa de pertencer à Academia Brasileira de Letras (e ao instituto geográfico Brasileiro) significou pouca coisa, mas o constante desinteresse de Bomfim em vincular-se as “instituições legitimadoras” (Bourdieu) do campo intelectual impediu-o, também, de *usufruir o prestígio e o renome de pertencer a elas*. (AGUIAR, 2000, p. 511)

Outros que trazem a lume a questão do esquecimento de Bomfim são Aluizio Azevedo (2013) e Darcy Ribeiro (1984). Darcy Ribeiro, em determinados momentos chega a propor um Bomfim “a frente de seu tempo”. E essa seria uma das importantes causas para o “esquecimento”.

Embora esse não seja nosso foco no presente artigo; alguns

apontamentos dos interpretes de Bomfim são válidos para serem citados. Ribeiro (1984) propõe: “É evidente que ele estava desmesuradamente a frente do que se escrevia, do que lia naquela Brasil, ainda mais alienado do que o de hoje” (RIBEIRO, 1984, p. 9). O autor faz esse tipo de proposição sobre Bomfim, porque este em suas obras desconstrói os famigerados “mestres intocáveis” do que se tomava por ciência no Brasil do início do século XX; Gustave Le Bom, e Arthur Gobineau. A visão de Bomfim para Ribeiro estaria à frente do que se propunha a pensar no contexto da época.

Sobre os autores alinhados nessa forma interpretativa é cabível a análise de Azevedo (2013), que propõe não um Bomfim a frente de seu tempo, mas um Bomfim fruto de sua época.

Com relação à Bomfim, vimos que ele rejeitava as teorias racistas, isso era possível não por que ele estivesse à frente de seu tempo, mas por que as contradições existentes em sua própria época davam visibilidade à questão, tornando possível a elaboração de um instrumental teórico que se contrapunha aos que procuravam justificações para a espoliação colonial em descabidas ideias racista. (AZEVEDO, 2013, p.69).

Como já assinalado aqui a questão do esquecimento não é o principal, porém é válido reiterar que talvez a causa principal seja muito mais por motivos “políticos”. Vale lembrar que Bomfim dizia o que ninguém queria ouvir, algo fora dos padrões ditados pela elite dirigente. Portanto para a maioria de seus interpretes Bomfim não fora esquecido, e sim silenciado. (ORTIZ, 1985; SUSSEKIND, 1984; AGUIAR, 2000; CANDIDO, 1990)

Optamos aqui por discutir a temática no âmbito da “história intelectual”. José Murilo de Carvalho (1998) no ensaio *História Intelectual no Brasil: A retórica como chave de leitura*,

<sup>1</sup> Ver; BERTONHA, Ivone. (1987) Manoel Bomfim um ilustre desconhecido

<sup>2</sup> Ver; AGUIAR, Ronaldo Conde. (2000) O rebelde esquecido Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim.

propõe que a história intelectual feita no país era semelhante a história das ideias, e era feita de maneira um tanto quanto simplória. Carvalho ressalta que os historiadores não se preocupavam em propor discussões sobre o método usado para as discussões históricas:

Era uma história centrada no pensador, cujas ideias supunha-se possível interpretar com exatidão. Os autores com preocupação histórica acrescentavam à reprodução das ideias algum esforço no sentido de situar o pensador em seu contexto social. (CARVALHO, 1998, p.1).

Para esse artigo partimos do pressuposto formulado por Gramsci: “Por isso seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens tem na sociedade a função de intelectuais [...]. (GRAMSCI, 2004, p.18). Gramsci propõe que o intelectual tem “objetivos” a cumprir com seu pensamento, é isso o que difere o seu ‘pensar’ dos outros.

Vale dizer também que segundo Gramsci os intelectuais não estariam “pairando” na sociedade, não formariam entre si uma classe autônoma, mas pertenceriam a uma determinada classe social.

Podemos ligar essa ideia de Gramsci a proposta de Antonio Candido em *Radicalismos* (1988).

[...] à medida que o tempo corre verifica-se que um dos traços fundamentais da mentalidade e do comportamento político no Brasil é a persistência das posições conservadoras, formando uma barreira quase intransponível. Já se tornou lugar-comum dizer que só temos conseguido formular pontos de vista enquadrados por elas, mas quase ninguém lembra o seguinte: o escritor que disse isso pela primeira vez, de modo talvez insuperado até hoje, foi Manoel Bomfim, cujo pensamento pode

ser considerado plenamente radical. (CANDIDO, 1988, p. 1)

A presente citação está no célebre ensaio de Antonio Candido *Radicalismos* (1990). Neste ensaio Candido traça uma espécie de linha demarcatória entre o que seria um pensador radical, e o que seria um pensador revolucionário. O sentido dessa diferença para o autor, dito em poucas palavras, residiria na “movimentação” a que se submete aquele que é capaz de “fazer a revolução”, o revolucionário. Segundo Candido, os radicais apesar de pensarem a contrapelo do que era conveniente a suas classes, eles permaneceriam dentro delas.

Antonio Candido considera Bomfim um Radical<sup>3</sup>, o sergipano segundo Candido; embora pensasse contra sua classe social, não teria saído dela.

De fato, o radical se opõe aos interesses de sua classe apenas até certo ponto, mas não representa os interesses finais do trabalhador. É fácil ver isso observando que ele pensa os problemas na escala da nação, como um todo, preconizando soluções para a nação, como um todo”. (CANDIDO, 1990, p.4).

Quanto ao papel da ciência e da história na obra do autor. Rebeca Gontijo, em sua dissertação, *Manoel Bomfim (1868-1932) E o Brasil na história (2001)* propõe que Bomfim escreveu sobre, e criticou a história produzida no país, porém:

[...] ele não figura na história da historiografia como um historiador. Ou seja, apesar do diálogo com a historiografia de sua época – e também com a do século XIX – ele não é reconhecido como um par no mundo dos historiadores,

<sup>3</sup> O que o autor propõe como radicalismo é: “(...) o conjunto de ideias e atitudes formando contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou.” (CANDIDO, 1988, p.1)

mesmo considerando que ainda não existiam especificidades disciplinares nítidas, nas primeiras décadas do século XX (GONTIJO, 2001, p.13).

A dificuldade no que diz respeito a Bomfim ser considerado logo em seu período como um historiador, é que já em seu contexto histórico, tal “consideração” fora atribuída a nomes como Capistrano de Abreu (1853-1927), e João Ribeiro (1860 – 1934). O primeiro, vêm a ser chamado de historiador principalmente pela sua experiência em arquivos com fontes documentais, o segundo, pelas suas reflexões voltadas ao campo teórico filosófico da história. O que Gontijo destaca é que “[...]é possível considerar Bomfim como um “pensador da história”, recuperando seu trabalho de crítico da historiografia” (GONTIJO, 2001, p.17).

Não é o objetivo neste estudo provar se Bomfim é um historiador ou não. Partimos do pressuposto de que, ao conferir a história um papel de chave interpretativa para a problemática de sua obra, ele deveria ser estudado como um historiador. Embora a palavra “historiador”, ainda estivesse a se definir; como destaca Gontijo (2001):

De acordo com Angela de Castro Gomes, pelo menos até os anos 30 não se observavam diferenças disciplinares nítidas. Não existiam faculdades dedicadas à formação de profissionais da historiografia. Esta demarcação do campo intelectual somente adquiriu contornos nítidos nos anos 40, quando ocorreu um empenho sistemático de organização da cultura por parte do Estado (GONTIJO, 2001, p. 17).

Embora como já dito, não seja possível localizar em Bomfim uma proposta teórica, ou metodológica do pensamento historiográfico, são válidos aqui, alguns apontamentos, sobre o que norteava a perspectiva científica do autor. Há quem diga como Gontijo - e o

próprio Bomfim - que o autor pensava muito mais através das paixões. Bomfim deixa isso claro na nota de advertência do *A América Latina: Males de Origem* (1905).

Pobres almas!...Como seria fácil impingir teorias e conclusões sociológicas, destemperando a linguagem e moldando a forma à hipócrita imparcialidade, exigida pelos críticos da curta vista!...Não; prefiro dizer o que penso com a paixão que o assunto me inspira; paixão nem sempre é cegueira, nem impede o rigor da lógica (BOMFIM, 2008, p. 21).

A paixão no pensamento de Bomfim seria uma espécie de força motriz da vontade, que propulsionaria e controlaria os interesses, que por sua vez estariam ligados ao campo das práticas políticas e científicas nas quais o autor participava.

Para Bomfim, os interesses estariam referidos à comunhão de tradições — científicas e políticas (e, mais especificamente, nacionais) —, o que se opunha a uma prática científica neutra, uma vez que tais interesses continham em si mesmos as razões de uma parcialidade. (GONTIJO, 2003, p.4)

Posicionando-se a contrapelo do que se teria de convencional no meio científico brasileiro do período, e negando a famigerada “neutralidade”, Bomfim se propõe a ver, o que são os “males de origem” da sociedade brasileira por meio de uma perspectiva que passa longe dos paradigmas científicos do início do século XX. O médico sergipano não nos oferece uma história de datas eventos, a tão criticada história factual. Bomfim traz uma análise histórica em forma de um “diagnóstico” que passava longe dos paradigmas norteadores de sua época. Podemos ou não concordar com seus pontos de vista, porém ao final do seu livro, passaremos a pensar um Brasil um tanto quanto diferente.

## Considerações finais

Embora sejam incontáveis as divergências interpretativas a respeito da obra de Bomfim, em relação a sua “identidade intelectual” e de seu perfil intelectual. É necessário lembrar que Bomfim, é hoje, - após tantos intelectuais de ‘peso’ darem-no a devida importância - um nome imprescindível para as discussões historiográficas feitas no Brasil da Primeira República, sua obra cada vez mais é discutida no âmbito da ‘história intelectual do Brasil’ como um dos grandes interpretes da civilização brasileira e principalmente de seus problemas. Nosso intuito aqui é o de apresentar a obra do Bomfim como ‘historiador’, e de compreender o pensamento do autor.

## Referências

- AGUIAR, Ronaldo Conde. O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. In: **O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim**. Topbooks, 2000.
- ALVES FILHO, A.; BOMFIM, Manoel. combate ao racismo, educação popular e democracia radical. **São Paulo: Expressão popular**, 2013.
- BOMFIM, Manoel. A América Latina: males de origem. 2008.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Radicalismos. **Estudos Avançados**, v. 4, n. 8, p. 4-18, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 1, n. 1, p. 123-152, 2000.
- GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim: "pensador da história" na Primeira República. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 129-154, 2003.
- GONTIJO, Rebeca. Manuel Bomfim (1868-1932) e O Brasil na História. 2001.
- GRAMSCI, Antonio. Os cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. (vol. 2); Trad. Carlos Nelson Coutinho. **Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 2004.
- DICIONÁRIO, Houaiss. Dicionário da Língua Portuguesa. **Rio de Janeiro**, 2011.
- RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. **Revista do Brasil**, p. 48-59, 1993.
- SÜSSEKIND, Flora. **História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim**. Editora Moderna, 1984.